



SIGNIFICADOS DA VELHICE PARA QUEM ENVELHECE (U)

Meanings of the old age for those who grow old

Ângela Roberta Lucas Leite¹

Maria do Socorro Sousa de Araújo²

RESUMO

Este artigo tem por finalidade desvelar as concepções de velhice acionadas a partir dos discursos (re)produzidos por velhos integrantes do Programa de Ação Integrada para o Aposentado (PAI), em São Luís (MA). Utilizamos as ferramentas analíticas de Bourdieu a respeito de região e *habitus*. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com quatorze pessoas com sessenta anos ou mais, aposentadas do serviço público estadual do Maranhão. Os resultados apontaram que as concepções de velhice são acionadas a partir de critérios cronológico, biológico, psicológico, subjetivo e socioculturais.

PALAVRAS-CHAVE

Velhice. Velho. PAI.

ABSTRACT

This article aims to reveal the old age concepts triggered from speeches produced or reproduced by older members of the Integrated Action Program for Retired (PAI) in the city of São Luís, Brazil. It was used the Bourdieu's analytical tools about region and *habitus*. Semi-structured interviews were conducted with fourteen people aged sixty or more, all of them retired from

¹ Hoteleira. Mestre em Políticas Públicas. Pesquisadora. Universidade Federal do Maranhão. Av. dos Portugueses, 1966 - Vila Bacanga, São Luís - MA, CEP: 65065-545. E-mail: <angelarobertalucas@gmail.com>.

² Assistente Social. Doutora em Políticas Públicas. Professora Associado I, lotada no Departamento de Serviço Social com exercício no Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas/PGPP/UFMA; e no curso de graduação em Serviço Social da Universidade Federal do Maranhão (UFMA, São Luís, Brasil). Av. dos Portugueses, 1966, Vila Bacanga, São Luís (MA), CEP: 65065-545. E-mail: <contato.socorro@gmail.com>.

the state public service of Maranhão. The results have showed that conceptions of old age are driven by chronological, biological, psychological, subjective and sociocultural criteria.

KEYWORDS

Old age. Old. PAI.

Submetido em: 14/7/2017

Aceito em: 19/7/2017

INTRODUÇÃO

No Brasil, as discussões que envolvem a velhice têm sido impulsionadas pelo crescimento populacional da faixa etária com idade de 60 anos ou mais³, bem como ações e programas em diversos setores na área de políticas públicas direcionadas a essa demanda. O envelhecimento populacional em nosso país, que antes era visto como uma tendência, cristalizou-se com o último censo do IBGE, em 2010. A população com idade de 60 anos ou mais contabilizou, em 2010, cerca de 20.588.890 de velhos (IBGE, 2011). Com relação à Região Nordeste, a população de velhos chegou a representar 5.452.124 pessoas, ou seja, 26,48% da população total de velhos brasileiros (IBGE, 2011). O Maranhão, por sua vez, concentrou 10,41% de velhos em relação a região Nordeste, totalizando 567.657 pessoas com idade de 60 anos ou mais (IBGE, 2011).

Diante do exposto, esses indicadores revelam que chegar a idade de 60, 80, 100 anos ou mais se tornou uma realidade possível para muitos brasileiros, principalmente pelos avanços gerados na medicina, na tecnologia e por iniciativas públicas governamentais. Contudo, a longevidade dessas pessoas implica não somente em mudanças demográficas, mas em desafios para as políticas públicas em diversos níveis.

Em seus estudos, Araújo e Alves (2001) apontam para esse caráter irreversível do aumento do processo de envelhecimento no Brasil e enfatizam a necessidade e a importância de estudos sobre o grupo social em questão. Estas mudanças interferem em todas as dimensões da vida em sociedade, desde as alterações na vida cotidiana familiar até aos aspectos do trabalho, políticas sociais, saúde, relação entre o campo, a cidade e o mercado, além de envolver

³ Utilizamos a expressão '60 anos de idade ou mais' por ser o critério adotado pelo IBGE para identificar as pessoas como velhas (IBGE, 2011).

questões que se entrelaçam com gênero, pobreza, solidariedade, cultura e desenvolvimento regional, entre tantas outras.

Assim, entender como a categoria velhice é vista em uma sociedade é uma maneira de compreender também as ações, comportamentos e sentimentos para com a mesma por parte dos indivíduos que compõem essa estrutura social. Diante dessas reflexões, buscamos questionar: como homens e mulheres velhos percebem e representam a velhice em suas vidas? Que critérios são utilizados por eles para definir uma pessoa como velha?

Nesse sentido, ressaltamos que a opção pela utilização dos termos velhice(s) e velho dar-se-á a partir da perspectiva de imprimir um novo significado político às tais categorias historicamente de uso cotidiano que são utilizadas para definir a identidade social dominante, reconhecida e legitimada socialmente das pessoas velhas, comumente utilizadas de forma negativa e pejorativa, estigmatizada. Nesse sentido, Bourdieu (2010) desperta atenção ao aspecto de que há uma luta pela legitimidade reconhecida da identidade social dos grupos sociais, e que nessa luta, os dominados podem (e, no entanto, não devem) enfrentá-la em estado isolado, individualmente, pois, diferentemente da luta em estado isolado, a luta coletiva pode possibilitar a destruição da tábua de valores que constitui os estigmas, através de uma inversão dos sinais atribuídos aos grupos sociais, segundo os princípios dominantes impostos inicialmente.

Assim, não se trata apenas da adoção de termos, ou seja, não se trata de substituir o termo velho por outros como *idoso* ou *da terceira idade*, pois isso por si só não mudaria os critérios acionados para classificar a velhice, tampouco diminuiria os preconceitos e os estereótipos que necessitam ser superados na construção da identidade dessas pessoas e na perspectiva de sua valorização em nossa sociedade. A nossa opção está, portanto, referenciada na perspectiva da afirmação positiva da velhice e de construção de uma prática de organização política que possibilite às velhas e aos velhos assumir uma nova identidade política, rompendo com os estigmas usualmente a eles atribuídos.

Consideramos que a utilização dos termos velha(s) e velho(s) por pesquisadores, estudiosos, profissionais atuantes na área, pode

constituir-se como parte de uma estratégia política e cultural para que as pessoas envelhecidas possam assumir a condição de velha e velho, com vistas à afirmação de uma identidade pessoal e coletiva positivada, que contribua para a perspectiva da superação de preconceitos e estereótipos e de desqualificação social e política.

Nessa perspectiva, a presente investigação tem por finalidade explicitar as concepções ou significados de velhice através dos discursos (re)produzidos por velhas e velhos aposentados do setor público estadual e integrantes do Programa de Ação Integrada para o Aposentado (PAI)⁴, em São Luís (MA), tendo em vista contribuir para a compreensão do processo de construção dos significados políticos, econômicos, sociais e culturais da categoria velhice.

Ao considerar que a velhice é uma categoria socialmente manipulada, manipulável e em constante transformação, partimos do pressuposto que o seu entendimento assume diversos pontos de vista, a depender do conhecimento produzido pelos membros de um grupo social sobre velhice, bem como os critérios de diferenciação social (*região*⁵) utilizados por eles para determinar quem é (ou não) velho(a). Assim, acreditamos que seus significados dependem de como essa categoria é vivida e vivenciada pelas pessoas de um determinado grupo social, sendo que essas vivências não acontecem apenas sob as bases objetivas, ou seja, tempo – espaço do campo social, mas que

⁴ O Programa de Ação Integrada para o Aposentado (PAI) foi criado em 4 de agosto de 1992, pelo Decreto Estadual n. 12.526, durante o governo de Edison Lobão, para atender aposentados e pensionistas do Estado do Maranhão, cuja finalidade era prestar serviços nas áreas jurídicas, de saúde, sociais e culturais apenas para esse público. Atualmente, o PAI além dos aposentados e pensionistas do Governo do Estado do Maranhão, atende pessoas dos Clubes da Melhor Idade Raio de Sol e Renascer e da Associação dos Amigos do GEN - Gerenciamento do Envelhecimento Natural (AAGEN), oferecendo atividades de canto coral, curso de técnicas de memorização, oficinas de artes e de trabalhos manuais, aulas de tai chi chuan, alongamento, dança de salão, aeróbica, hidroginástica, natação, ginástica localizada, futebol de salão, yoga, dentre outras.

⁵ É um acto de conhecimento, o qual, por está firmado, como todo o poder simbólico, no reconhecimento, produz a existência daquilo que enuncia [...]. O auctor, mesmo quando só diz com autoridade aquilo que é, mesmo quando se limita a enunciar o ser, produz uma mudança no ser: ao dizer as coisas com autoridade, quer dizer, à vista de todos e em nome de todos, publicamente e oficialmente (BOURDIEU, 2010, p.114).

é preciso considerar o *habitus* desse grupo social, ou seja, os aspectos subjetivos como as atitudes, os gostos, as preferências e os estilos de vida dos sujeitos envolvidos.

Deste modo, o *habitus* tende a ser um princípio operador entre dois sistemas de relações: as estruturas objetivas e as práticas. Ou seja, o *habitus* “[...] completa o movimento de interiorização de estruturas exteriores, ao passo que as práticas dos agentes exteriorizam os sistemas de disposições incorporadas (BOURDIEU, 2007, p. XLI)”. Os sujeitos envolvidos na pesquisa tornam-se agentes geradores e organizadores de representações e de classificações do mundo social, em que a percepção individual, orientada pela representação coletiva, influencia nas preferências, nos valores, nas atitudes e nos comportamentos adotados por esses indivíduos, enquanto grupo social (BOURDIEU, 2010).

Portanto, o *habitus* dos entrevistados tornam-se princípios geradores e organizadores de representações sociais da velhice, conseqüentemente, reflete o modo como eles vivenciam suas velhices no PAI e como se percebem (ou não) na condição de velhos. Assim sendo, procuramos investigar a questão da velhice através dos discursos (re)produzidos por mulheres e homens velhos e de suas experiências vivenciadas no PAI.

No que diz respeito aos procedimentos teórico-metodológicos realizamos pesquisa qualitativa à medida que utilizamos como técnicas de pesquisa, a análise bibliográfica e documental, a observação direta e realizamos entrevistas.

Na composição do corpus da pesquisa, determinamos como critério de inclusão para entrevistas mulheres e homens aposentados, pois, pretendíamos identificar e analisar também questões relacionadas ao trabalho, aposentadoria e lazer, as quais não serão contempladas no presente artigo. Dessa forma, optamos por entrevistar pessoas com sessenta anos de idade ou mais, aposentadas da administração pública. A opção pelo PAI ocorreu pelo fato de que se constitui uma instituição que congrega pessoas aposentadas da administração pública estadual e oferece várias atividades de forma regular desde 1992 num mesmo local, o que nos possibilitaria ter fácil acesso a esse público considerando que a instituição oferece atividades

durante todos os dias da semana. No que diz respeito aos critérios de inclusão, foram entrevistadas pessoas velhas aposentadas que frequentavam as atividades oferecidas pelo PAI no mínimo há um (1) ano sem interrupções. Foram realizadas 14 entrevistas com mulheres e homens aposentados do Programa de Ação Integrada ao Aposentado (PAI), no município de São Luis (MA), sendo, na sua maioria, entrevistados com idade entre 70 e 79 anos, solteiros, com nível de formação superior e renda mensal de um salário-mínimo.

Para limitar a quantidade de entrevistas, seguimos as orientações de Gil (2002) a respeito da saturação qualitativa, em que “[...] o incremento de novas observações não conduz a um aumento significativo de informações” (GIL, 2002, p. 140).

No que diz respeito aos procedimentos éticos da pesquisa, adotamos a prática apoiada na concepção de que toda pesquisa realizada no campo social constitui-se uma relação social (BOURDIEU, 1997) e, dessa forma, requer cuidados específicos para realização. Assim, todos os participantes da pesquisa foram devidamente informados em relação ao conteúdo da pesquisa, aos procedimentos metodológicos, a importância da participação de cada entrevistado, a possibilidade de desistência de participação na pesquisa a qualquer tempo; bem como, a garantia de anonimato, sendo que, inclusive, todos os participantes assinaram e receberam cópia do termo de consentimento livre e esclarecido.

E ainda, tendo em vista as indicações de Bourdieu (1997) estivemos atentas aos procedimentos que visam minimizar a violência simbólica. Nesse sentido, é importante enfatizar que seguimos as orientações de Bourdieu (1997) a respeito da realização das entrevistas. Segundo este autor, a entrevista deve ser considerada uma forma de exercício espiritual, em que o pesquisador visa obter “[...] pelo esquecimento de si, uma verdadeira conversão do olhar que lançamos sobre os outros nas circunstâncias comuns da vida [...]” (BOURDIEU, 1997, p. 704), sendo assim capaz de colocá-lo no lugar do entrevistado em pensamento, sem anular a diferença existente entre os dois (BOURDIEU, 1997).

Na perspectiva de preservação da identidade do (a)s entrevistado(a)s adotamos nomes fictícios, associando seus

nomes aos nomes de estrelas (astros que possuem luz e brilho próprios). A analogia proposta remete o brilho das estrelas à energia e a força existencial que emanam de alguns dos velhos e velhas frequentadores do PAI, o que significa dizer que, o brilho estaria relacionado à condição de ser velho ou velha. Desta forma, foram escolhidas os nomes de 14 estrelas mais brilhantes em nosso universo.

A fim de desvendar os significados de velhice para pessoas velhas, após o processo de coleta de dados, o passo seguinte, foi a análise e tratamento do material empírico. Assim, os dados coletados através das entrevistas, conversas informais, do diário de campo, da observação direta e da pesquisa documental foram organizados, classificados e analisados; bem como, o material advindo da revisão bibliográfica, foi também classificado e analisado, possibilitando assim uma tessitura entre a teoria e a empiria.

SIGNIFICADOS DE VELHICE: O QUE FAZ SER VELHO(A)?

Analisar a velhice como uma categoria histórica e socialmente construída implica em compreender a constituição de suas formações discursivas como parte integrante do imaginário social; e que a busca pela sua definição se configura em um ‘jogo’ de disputa política do poder e pelo poder de impor uma identidade dominante, reconhecida e legitimada oficialmente. Portanto, há necessidade de explicitar que as classificações legítimas da realidade social são objeto de disputa entre as diferentes profissões, sendo que a algumas são atribuídas autoridade científica sobre um determinado critério de di-visão e de diferenciação social.

A esse respeito, Bourdieu (2010) ressalta que o ato de impor com autoridade uma verdade legítima, conhecida e reconhecida pelos membros de um grupo social consiste, na verdade, em circunscrever uma região. É nessa lógica, que a pesquisa surge nesse contexto, buscando identificar, nas lutas entre os grupos sociais no decorrer dos tempos, as construções de determinadas representações sociais acerca da velhice, legitimadas ora de forma negativa, carregada de sentidos pejorativos e depreciativos, ou de forma positiva, associada à sabedoria e à experiência de vida. Assim, cada sociedade, em um determinado momento

histórico, atribui sentidos distintos à(s) velhice(s), seja positiva ou negativamente, o que geralmente oscila entre a valorização e a depreciação do velho.

No presente estudo, buscamos investigar que concepções de velhice foram acionadas pelos aposentados entrevistados, questionando-os sobre o que pensam de velhice, como se autodenominam e como vivenciam sua velhice no PAI. Alguns entrevistados repudiaram o termo velhice e velho, outros reagiram de forma positiva diante da denominação de velhice e, outros afirmaram que os sentidos criados (seja, positiva ou negativamente) a respeito dessa categoria não influenciam na construção de sua verdadeira identidade.

A Sra. *Canopus*, 91 anos, viúva, frequenta o PAI há 22 anos, manifesta sua aversão à denominação velhice e velho, conforme destacado na fala a seguir: “*Não gosto de ser chamada de velha. É como se eu vivesse relaxada, que não me cuidasse. Sou uma pessoa idosa*”. (Sra. *Canopus*).

Associamos a negação ou recusa da categoria velhice da Sra. *Canopus* aos preconceitos, discriminação e estereótipos gerados acerca da velhice nas sociedades no decorrer dos tempos, particularmente no Brasil. O discurso da entrevistada de que a pessoa velha não se cuida, vive relaxada, surge do *habitus* incorporado nas sociedades atuais, onde a “[...] cultura que se tem que é da velhice infeliz” (ZIMERMAN, 2000, p. 28). Quando se fala em velho, algumas pessoas agregam a imagem significados “[...] de um sapato gasto, furado, que não serve para mais nada” (ZIMERMAN, 2000, p. 28).

No próprio PAI, observamos a dispersão da negação dos termos velhice e velho e a valorização do termo idosos em cartazes fixados nas paredes. Ser velho, conforme destacado pelo Programa, está associado à tristeza, à infelicidade e representa uma pessoa que “reclama de tudo”, “amargurada”, “apagado da vida”, “fica esperando a morte”, “vive com saudades do passado”. É visível nos cartazes o estereótipo negativo criado sobre velhice e velhos e a supervalorização do ser idoso, como uma pessoa que “curte a vida”, “adora viver”, “tem sonhos, objetivos” e “busca sempre a felicidade”.

Essa mudança no uso do termo velho por idoso passou a ser utilizada por alguns estudiosos e trabalhadores na área no Brasil, a partir dos anos de 1960. Peixoto (2007) ressalta que os termos velhice e velho foram paulatinamente substituídos pelo termo idoso, tendendo a tornarem-se legítimos na visão de parte dos pesquisadores e trabalhadores na área. Essa substituição adotada por parte dos estudiosos da temática se deu em virtude do termo velho está relacionado à ideia de sem status social, sem trabalho e desassistido pelo Estado (PEIXOTO, 2007). Já a imagem criada da velhice, a partir do termo idoso, expressa muitas vezes uma visão positiva, respeitosa e ativa, contrapondo-se à de velho, sendo que convêm destacar que no campo da produção do conhecimento científico e no campo da atuação profissional nem todos utilizam o termo idoso a partir dessa visão estereotipada, associada a ideia de positividade e em contraposição à ideia de velhice.

A partir de uma clara distinção entre a suposta positividade do termo idoso em relação à negatividade do termo velho, o Sr. *Alfa Centauri*, 92 anos, viúvo e que frequenta o PAI há 5 anos, faz uma distinção entre ser velho e idoso, afirmando sua preferência pelo termo idoso e dizendo que já passou da condição de ser velho: *“Velho é aquele que perdeu o prazer de viver, que espera apenas pela morte. [...] Hoje eu não sou velho, eu sou idoso! Sou aquele que quer continuar vivendo a cada minuto das 24 horas do dia”*. (Sr. *Alfa Centauri*).

Nesse trecho extraído da entrevista, podemos inferir aos termos velhice e velho à ideia de negação, pois ao se autodenominar como não velho, busca desvencilhar-lhe da condição de velho, ou seja, de marcadores estigmatizantes. Conforme ressalta Debert (2004), os preconceitos associados ao envelhecer constituem-se como um conjunto de representações formado e atribuído a esse envelhecer, os quais exercem papel significativo na configuração da velhice.

Contudo, os resultados da pesquisa demonstram que os por vezes os termos velhice e velho também são percebidos positivamente e bem aceitos, conforme a fala da Sr. Spica, 65 anos, solteiro e que frequenta o PAI há 2 anos: *“Medo da velhice não tenho, porque já sou velho! Como é que eu sou uma coisa e não engolir? A pior coisa é renegar o que você é”*. (Sr. Spica).

Destacamos que o reconhecimento de si, da sua condição de velho, já é o primeiro passo para desnaturalizar essas ideias preconcebidas e estigmatizadas acerca da velhice. Não existe defeito em ser o que é, ser velho é uma forma de empoderamento, de resistência às mudanças impostas pela sociedade arraigada por concepções pejorativas e preconceituosas.

Para alguns entrevistados, a concepção de velhice e de ser velho não interfere no seu dia-a-dia e no seu modo de vida, já que o que prevalece é a sua identidade pessoal. A Sra. Arcturus, 76 anos, casada e que frequenta o PAI há 3 anos, deixa claro que os julgamentos que permeiam as categorias velho e idoso não definem o que realmente ela é: *“Tanto faz! Eu prefiro ser chamada pelo meu nome (Risadas)”*. (Sra. Arcturus).

A negação ou afirmação de uma definição depende muito da filosofia de vida de cada um, dos valores pessoais e sociais, construídos durante toda a vida. Conforme Mercadante (2004), a velhice é uma condição heterogênea, o que torna o processo de envelhecimento, o envelhecer, diferente para cada indivíduo.

Outro aspecto observado na pesquisa diz respeito aos eufemismos da velhice e do ser velho. No depoimento da Sra. Vega, 68 anos, solteira e que frequenta o PAI há 8 anos, observamos que a separação supostamente existente entre ser velho e ser idoso é desprezada, conforme fala a seguir: *“Essa história de ser idoso, ser velho... me dê um sinônimo de idoso de que não seja velho?”* (Sra. Vega).

Nesse sentido, os termos como *idoso, melhor idade, terceira idade* surgem como expressões classificatórias do ser velho, ou seja, associadas ao termo velhice. Segundo a entrevista esses termos são sinônimos de velhice.

A rigor, os critérios de diferenciação da velhice surgem por meio de representações que os indivíduos ou um grupo social, adotam para classificar uma pessoa como velha ou não, o que nos leva a considerar que tais critérios de classificação social, ou de região são, na verdade, imposições sobre uma visão única de sua identidade e uma visão idêntica de sua unidade (BOURDIEU, 1983). À medida que os agentes ou instituições sociais adotam

critérios como distinção social impõe-se, de forma arbitrária, uma definição de velhice em função de seus interesses.

Na tentativa de evitar generalizações, principalmente porque a categoria velhice é uma construção social e histórica, manipulada e manipulável, que envolve peculiaridades, procuramos instigar em nossos entrevistados que critérios determinavam que uma pessoa fosse considerada velha. Muitos explicitaram através de suas próprias histórias de vida os critérios cronológicos, biológicos, psicológicos, pessoais e socioculturais.

Na entrevista do Sr. *Spica*, detectamos que o critério cronológico para definir a velhice foi acionado a partir da sua própria idade: “A velhice é determinada pela idade. No dia que completei 65 anos, no dia do meu aniversário, eu dei entrada na minha carteira. Hoje eu sou oficialmente idoso”. (Sr. *Spica*).

Para o Sr. *Spica*, sua velhice começou quando completou 65 anos de idade, ao dar entrada na sua carteira de idoso, permitindo-lhe, o direito à carteira de passe-livre, que possibilita gratuidade nos transportes públicos de São Luís. Dessa forma, o critério utilizado pelo Sr. *Spica* é o cronológico: que caracteriza a idade da pessoa a partir dos dias, meses e anos de vida que possui (SCHNEIDER; IRIGARAY, 2008). Na maioria dos casos, as instituições governamentais elaboraram políticas públicas levando em consideração este critério. Para ele, portanto, a velhice é uma região definida pelo critério da faixa etária.

Outro critério acionado está relacionado ao aspecto biológico. A Sra. *Hadar*, 80 anos, viúva e frequenta o PAI há 5 anos, explicita no seu discurso a compreensão da velhice a partir das suas limitações físicas impostas pela velhice. Nesse caso, a região é demarcada pela idade biológica: “Hoje eu vou aonde eu quero, mas eu tenho minhas limitações. Eu não tenho mais capacidade de ir ao show, de ir a uma festa. Só vou se tiver alguém”. (Sra. *Hadar*).

O envelhecimento celular, à medida que a idade avança, pode trazer limitações que afetam a saúde e fazer diminuir as probabilidades, inclusive, de sobrevivência. Nesse sentido, a idade biológica aparece de forma reiterada no relato da entrevistada, ao abordar o desgaste físico como marcador da velhice. As

limitações da Sra. *Hadar* em se deslocar de um local para outro pressupõem que perturbações associadas ao envelhecimento celular surgiram com a idade. O envelhecimento celular, à medida que a idade avança, pode ocasionar complicações referentes a mobilidade física (SILVA, 2006). Contudo, diante da complexidade do envelhecimento humano, envelhecer não é um processo idêntico para todos, o que nos leva a refletir que a velhice é uma consequência do processo de envelhecimento e assim como qualquer outra fase da vida, pode ou não ser acometida por limitações ou doenças.

Outro critério acionado para considerar uma pessoa velha é o aspecto psicológico. A Sra. *Aldebaran*, 69 anos, casada e que frequenta o PAI há um ano, ressaltou que a velhice inicia no momento em a pessoa renuncia viver. Assim, a os limites que demarcariam a região velhice são impostos pelas características psicológicas, consoante destaca: *“Acredito que é quando uma pessoa desiste de viver a vida, de viver os momentos e se enclausura na sua própria solidão”*. (Sra. *Aldebaran*).

A solidão e o isolamento ressaltados pela entrevistada podem vir a ser um propulsor de várias alterações psicológicas, desde o lapso de memória até sinais de depressões e obsessões compulsivas. Paschoal (2005) cita que a pessoa fica velha quando apresenta lapsos de memória constantes, dificuldades de aprendizado, falhas de concentração, atenção e orientação, comparadas com as suas capacidades cognitivas anteriores. As alterações psicológicas podem vir a aparecer por uma série de eventos ocorridos em momentos anteriores a vida do velho, tais como a perda de um ente querido, modificação na condição financeira ou conflitos familiares; e tudo isso acaba impactando no modo como esse indivíduo vive sua velhice. Contudo, esses “marcadores” são ineficazes para delimitar o processo de envelhecimento, pois desconsidera a influência da subjetividade do velho e sua relação com a velhice.

Nesse caso, a subjetividade está relacionada ao critério pessoal, em que cada um faz a avaliação de seu envelhecimento em comparação a outros indivíduos da mesma idade (NETTO; BORGONOV, 2005). Dessa forma, a região é definida por critérios

subjetivos, relacionados ao sentimento de sentir-se ou não uma pessoa velha. Nesse sentido a Sra. Aldebaran ressalta que: *“Não me incomoda de ser chamada de velha, idosa ou da terceira idade, o que é importante é o que eu sinto”*. (Sra. Aldebaran).

No discurso da Sra. Aldebaran observamos que a idade que tem, assim como o fato de ser denominada de velha ou idosa, não a incomoda, pois o importante é o que ela sente. Neste caso, inferimos que sua idade é determinada pelas suas vivências internas, isto é, refere-se à idade que sente no seu interior. Costa (1998, p. 33) assinala que a idade pessoal “[...] é aquela que a própria pessoa determina, que o seu espírito sente, em que a sensação de estar com idade respectiva é mais forte do que qualquer ruga na face”.

Para além das dimensões cronológica, biológica, psicológica e pessoal, detectamos que a velhice como região também é demarcada pelos entrevistados a partir da dimensão sociocultural. É na velhice, por exemplo, que muitos velhos assumem os papéis sociais de aposentados; e a aposentadoria pode representar desde um sentimento de perda, de início da velhice e de aproximação da finitude, até uma nova fase da vida, na qual as atividades de lazer são consideradas centrais pelo velho aposentado e ocupam um lugar importante em sua vida e no uso do seu tempo (SANTOS, 1990). Na fala do Sr. Antares, 71 anos, solteiro e que frequenta o PAI há 6 anos, observamos que a aposentadoria não foi considerada uma conquista e sim uma demarcação da velhice de forma arbitrária, pois consoante ressalta: *“Me obrigaram a aposentar. Perdi muito do meu salário. A idade chegou e o tempo de trabalho ficou para trás. Eu acho ruim essa palavra aposentado!”*. (Sr. Antares).

Nesse depoimento, ao falar em aposentadoria, não podemos deixar de associá-la às mudanças (real e concreta) na vida do Sr. Antares, principalmente quando relata sua ruptura com o mundo do trabalho, atribuindo-lhe o papel social de aposentado, e conseqüentemente, determinando o início de sua velhice. De acordo com Rodrigues, Rauth e Terra (2010), esses papéis sociais tornam-se mutáveis, à medida que envelhecemos, ocasionando, em algumas situações, perdas significativas de ordem econômica

com o advento da aposentadoria ou efetiva, com a morte do cônjuge ou de um familiar.

Contudo, cabe salientar que não podemos generalizar a velhice tratando-a de forma uniforme e estabelecendo um único critério para demarcá-la, uma vez que as pessoas envelhecem de formas diferentes, cada qual a sua maneira. O que faz um indivíduo ser considerado velho não é a sua condição real de aposentado, sua aparência física ou idade, mas as formas como essas condições são absorvidas e representadas pela sociedade.

CONCLUSÃO

Diante do aporte teórico-metodológico de Bourdieu (1983; 2007; 2010), evidenciamos que a velhice é compreendida como um conceito abstrato e subjetivo, vivida e vivenciada de forma individual e complexa pelos aposentados da Administração pública estadual do Maranhão que frequentam o PAI. Permeada por aspectos sociais, culturais, políticos e econômicos, as representações sociais de velhice acionados por eles definem o olhar que os mesmos possuem acerca da velhice, seja ela a sua ou a do outro.

Desta forma, retomamos a ideia de Bourdieu (2010) a respeito de região visando compreender o que define a velhice e quais critérios de distinção, de “*di-visão*” determinam que uma pessoa seja denominada velha. Nesse caso, a velhice é compreendida como critério de distinção social/região, sendo que a pesquisa revelou que os velhos e velhas entrevistados adotam distintas concepções de velhice, definidas a partir de critérios cronológicos, biológicos, sociais psicológicos e subjetivos.

Contudo, ressaltamos que tais critérios de classificação são imposições sobre uma visão única de sua identidade e uma visão idêntica de sua unidade. Criam-se identidades para classificar e agrupar os indivíduos pela faixa etária, gênero, classe social, impondo-lhes limites, muitas vezes arbitrários, e produzindo “[...] uma ordem onde cada um deve se manter em relação a qual cada um deve se manter em seu lugar” (BOURDIEU, 1983, p.121).

Outro ponto importante a ser considerado, fora as (in)definições associadas ao termo velhice e velho. Nesse sentido, reafirmamos

nossa posição a favor da utilização da categoria velho nesta pesquisa, enfatizando que tal categoria é legitimada – positiva ou negativamente – conforme as (in) definições de velhice, já que a velhice é uma construção social e histórica: socialmente manipulada e manipulável e em constante transformação (BOURDIEU, 1983).

Diante dessa exposição e levando em consideração os discursos dos entrevistados, percebemos que o conceito de velhice acionado pelos entrevistados estão carregado de sentidos positivos e negativos, a depender das condições nas quais essas pessoas vivem e vivenciam sua velhice. Neste sentido, os relatos demonstraram que os termos velhice, velho e idoso referem-se a certos valores sociais os quais são incorporados no decorrer de vida dos entrevistados. O *habitus* desses aposentados torna-se princípios geradores e organizadores das representações que expressam a respeito da velhice, conseqüentemente, reflete o modo como eles vivenciam suas velhices no PAI e como se percebem (ou não) na condição de velhos.

Assim, os dados da pesquisa reiteram a perspectiva de que a concepção de velhice(s) deve ser estudada e entendida na ótica da pluralidade, tomando para análise os vários conceitos produzidos a partir dos critérios apresentados, pois, somente através da análise desses critérios, podemos compreender como se constrói os esquemas interpretativos acerca da velhice, ou seja, como os indivíduos ou um grupo social apreendem os critérios de distinção social; regiões, definidas pelas condições etárias, psicológicas, biológicas, sociais e pessoais; e como os organizam simbolicamente para representar a realidade social, conseqüentemente, a concepção de velhice (BOURDIEU, 2010). Bem como, ao demonstrar os critérios acionados para classificação da velhice, os dados podem contribuir com a estratégia política e cultural de afirmação positiva da velhice, no sentido de que as pessoas possam assumir a condição de velha e velho, com vistas a afirmação de uma identidade pessoal e coletiva positivada, que contribua para a perspectiva da superação de preconceitos e estereótipos e de desqualificação social e política.

Convêm ressaltar que os dados aqui apresentados, resultantes dessa pesquisa desenvolvida com um determinado grupo de pessoas a partir de 60 anos, aposentadas, participantes do Programa de Ação Integrada ao Aposentado (PAI), no município de São Luis-MA, constitui-se parte de um universo de pessoas velhas, com esse mesmo perfil, possivelmente presente em outras localidades do Brasil. Por ventura, os dados da referida pesquisa apesar de não permitir generalizações, dão importantes indicações a respeito da temática e podem contribuir para realização de outras pesquisas, pois, as concepções de velhice acionadas por esse grupo de pessoas entrevistadas em São Luis-MA possuem fundamentos ancorados em aspectos sociais, políticos e culturais que estão possivelmente presentes em outras localidades; e que podem influenciar as concepções de velhices acionadas por outras pessoas velhas (ou não), com esse mesmo perfil (ou não), residentes em outras regiões geográficas.

Baseadas nestas constatações, as análises advindas dos resultados desta pesquisa visam contribuir para o processo de (re)construção dos sentidos e significados políticos, econômicos, sociais e culturais na perspectiva de valorização da(s) velhice(s).

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Tereza Cristina Nascimento; ALVES, Maria Isabel Coelho. Perfil da população idosa no Brasil. In: VERAS, Renato Peixoto (Org.). **Velhice numa perspectiva de futuro saudável**. Rio de Janeiro: UERJ, UnATI, 2001. P. 99-114. Disponível em: < http://www.crde-unati.uerj.br/publicacoes/textos_Unati/unati2.pdf>. Acesso em: 13 ago. 2017.

BEAUVOIR, Simone. **A velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. 13. ed. Rio de Janeiro: BERTRAND BRASIL, 2010.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas. Introdução, organização e seleção**. São Paulo: Respectiva, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **A miséria do mundo**. Petrópolis: Vozes, 1997.

BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

COSTA, Elisabeth Maria Sene. **Gerontodrama**: a velhice em cena: estudos clínicos e psicodramáticos sobre o envelhecimento e a terceira idade. São Paulo: Ágora, 1998.

DEBERT, Guita Grin. **A reinvenção da velhice**: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento. São Paulo: FAPESP, 2004.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Sinopse do censo demográfico 2010**. Rio de Janeiro, 2011.

MERCADANTE, Elizabeth Frohlich. A contrageneralização. **Kairós**, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 197-199, jun.2004.

NETTO, Matheus Papaléo; BORGONNOVI, Nelson. Biologia e Teorias do Envelhecimento. In: NETTO, Matheus Papaléo. **Gerontologia**: a velhice e o envelhecimento em visão globalizada. São Paulo: Atheneu, 2005.

PASCHOAL, Sérgio Marcio Pacheco. Epidemiologia do Envelhecimento. In: NETTO, Matheus Papaléo. **Gerontologia**: a velhice e o envelhecimento em visão globalizada. São Paulo: Atheneu, 2005.

PEIXOTO, Clarice. Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velhos, velhote, idoso, terceira idade. In: BARROS, Miriam Moraes Lins de (Org.). **Velhice ou terceira idade?**: estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

RODRIGUES, Nara Costa; RAUTH, Jussara; TERRA, Newton Luiz. **Gerontologia social para leigos**. 2. ed. Porto Alegre: EDIPURS, 2010.

SANTOS, Maria de Fátima de Souza. **Identidade e aposentadoria**. São Paulo: EPU, 1990.

SCHNEIDER, Rodolfo Herberto; IRIGARAY, Tatiana Quarti. O envelhecimento na atualidade: aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 25, n. 4, p. 585-593, out./dez. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v25n4/a13v25n4.pdf>>. Acesso em: 21 fev. 2015.

SILVA, Maria Ester Vaz da. **“Se fosse tudo bem, a velhice era boa de enfrentar!”**: racionalidades leigas sobre envelhecimento e velhice: um estudo no Norte de Portugal. 227f. 2006. Tese (Doutorado em Sociologia)-Universidade Aberta, Lisboa, Portugal, 2006.

ZIMERMAN, Guite I. **Velhice**: aspectos biopsicossociais. Porto Alegre: Artmed, 2000.